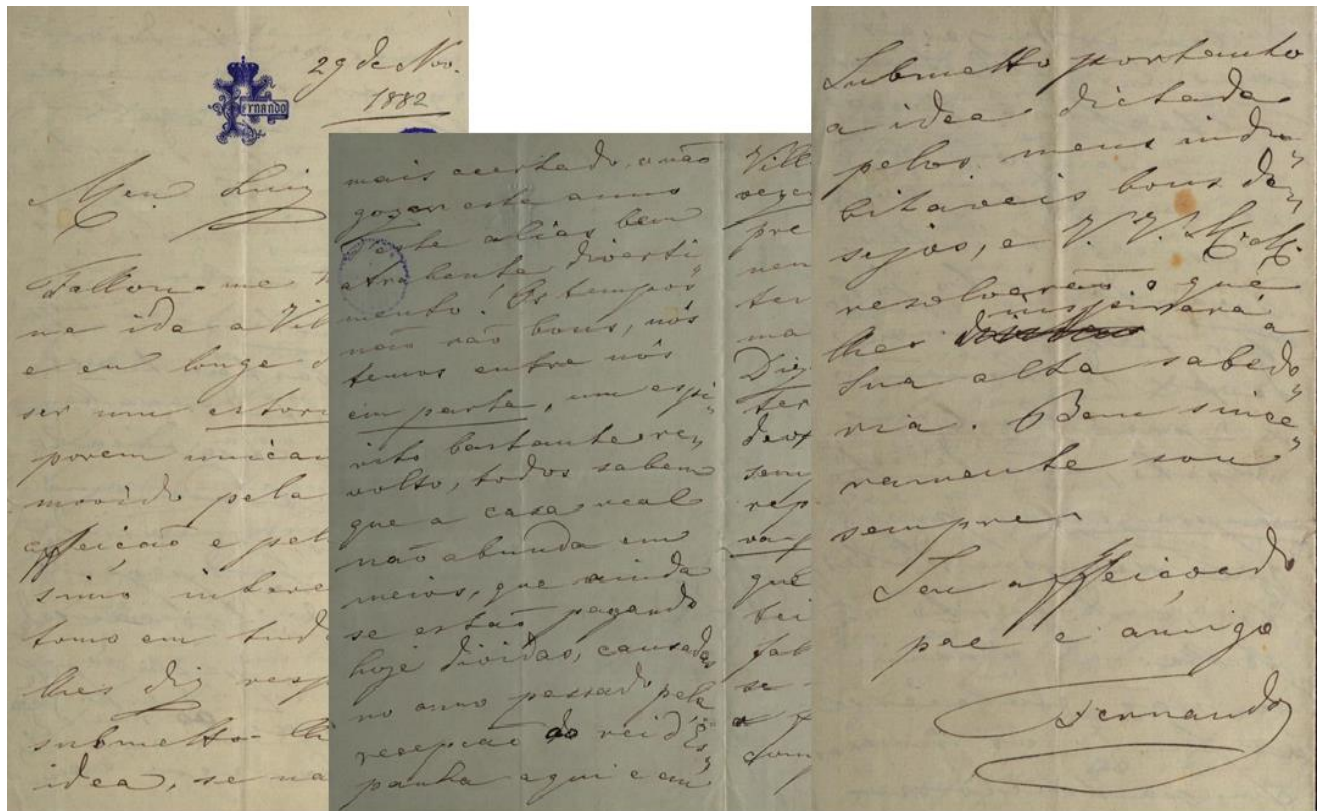


DOCUMENTO DO MÊS – NOVEMBRO



**1882, novembro, 29, [Lisboa]** – Carta do Rei D. Fernando II, dirigida a seu filho, o Rei D. Luís, subscrevendo-se como “*afeiçoado pae e amigo*” e dando-lhe avisados conselhos sobre a desejada ida a Vila Viçosa.

(*bi-fólio, 4 p. ; 180 mm alt x 114 mm larg., bi-fólio fechado*)

PT/AUC/COL/MF – *Martinho da Fonseca (COL); Documentos diversos, cx. XIV, doc. 52 - cota AUC-VI-3.ª-1-3-14*

Em 1934 deu entrada no Arquivo da Universidade de Coimbra a coleção de manuscritos reunidos pelo bibliófilo Martinho da Fonseca (1869-1934). A coleção adquiriu o nome do seu proprietário, tendo sido dada a conhecer apenas em 1984, por determinação expressa de sua viúva D. Paulina da Fonseca. Entre o acervo que a

constitui, salientam-se nove cartas do Rei D. Fernando dirigidas a seu filho o Rei D. Luís. Desconhece-se a forma de aquisição, por parte do referido bibliófilo, destes documentos tão particulares, mas eles aqui estão conservados, permitindo, com a sua leitura, conhecer um pouco da personalidade de Fernando de Saxe-Coburgo-Gotha, o Rei D. Fernando II, protetor de artistas, fundador da Academia das Belas-Artes de Lisboa que deixou para sempre o seu nome ligada à renovação de Sintra, local que o imortaliza, através do seu palácio da Pena. Uma litografia de 1848 que representa D. Fernando II, revela já, em fundo, a construção do palácio que eternizará esta sua ligação àquela localidade<sup>1</sup>.

Nesta carta de quatro páginas, em papel timbrado com o seu nome, de D. Fernando II revela o seu amor paternal, como conselheiro de seu filho, o Rei D. Luís, ao sugerir que não faça a sua desejada viagem para Vila Viçosa<sup>2</sup>, atendendo às despesas que esta acarretava, num momento em que *“a casa real não abunda em meios”*, dizendo mesmo que ainda se estavam a pagar dívidas relativas à receção do Rei de Espanha, D. Afonso XII, que tivera lugar no ano anterior. Ao dar este conselho, D. Fernando II afirma, ainda, que espera ter cumprido o seu *“dever de homem sempre leal e repito, não de estorva-prazeres, emprego que sempre detestei”*.

Atente-se também na frase *“os tempos não são bons, nós temos entre nós, em parte, um espírito bastante revoltado”* podendo interpretar-se, com estas palavras, uma alusão aos momentos de alguma contestação, no reinado de D. Luís, com a organização de movimentos republicanos, com destaque, por exemplo, para a que ocorrerá no ano seguinte, em 1883, com o Congresso da Comissão Organizadora do Partido Republicano.

D. Luís subira ao trono em 1861, após a morte prematura, por febre tifoide, de seu irmão o Rei D. Pedro V e tinha, no ano em que recebeu esta carta, 44 anos, mas essa idade não era impeditiva de receber ainda conselhos, como o que se pode ler, de um *“affeiçãoado pae e amigo”*.

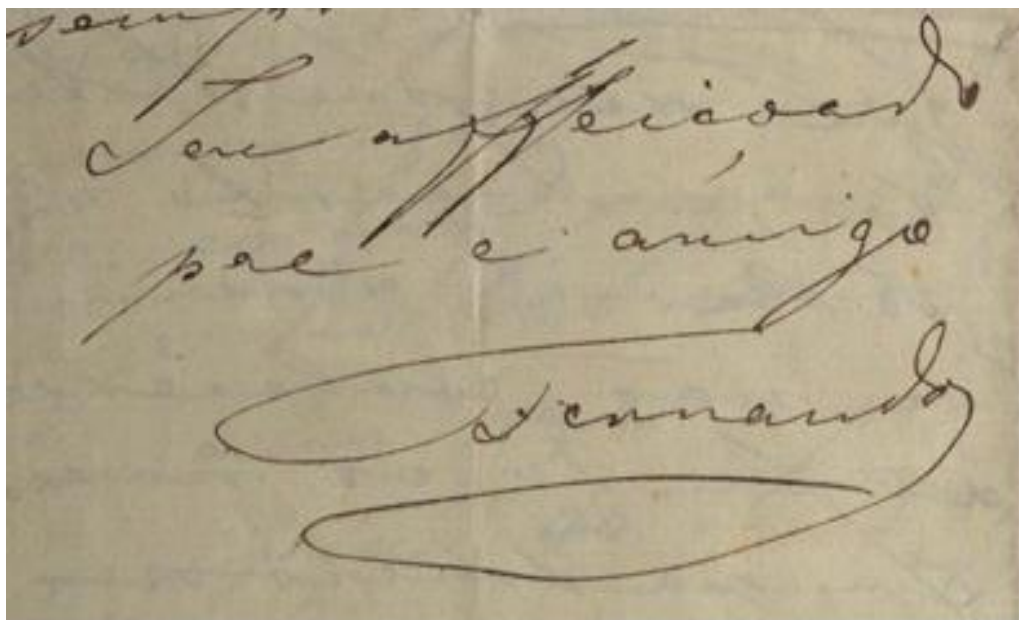
---

<sup>1</sup> A gravura, com desenho de Casimir Leberthais, datado de Lisboa, 1848, existente na Biblioteca Nacional, está digitalizada e está acessível em <http://purl.pt/957>.

Refira-se a recente biografia de D. Fernando II, de autoria de Maria Antónia Lopes - *D. Fernando II. Um Rei Averso à Política*. Lisboa: Temas e Debates, 2016.

<sup>2</sup> O Paço Ducal de Vila Viçosa era residência de férias da família real, servindo ainda como local de receção de pessoas ilustres, justificando-se a alusão à receção do rei de Espanha, também presente no texto.

Esta carta e as restantes missivas existentes na Coleção Martinho da Fonseca foram já publicadas no trabalho de Lúcia Cruz – *Algumas cartas de D. Fernando para seu filho o Rei D. Luís*<sup>3</sup>.



Seu affeição  
pae e amigo  
Fernando

---

<sup>3</sup> Inserido no *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra* 7 (1985) 341 – 351. Por sua vez, a descrição da *Coleção Martinho da Fonseca* pode ser lida em Paiva, José Pedro (dir.) – *Guia de Fundos do Arquivo da Universidade de Coimbra*. Coimbra: IUC, 2015, p. 148-149.